

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

BENJAMIN: A AURA E O RASA

FRANCISCO CARNEIRO DA CUNHA LIMA

Mestre em História e Crítica de Arte pela EBA/UFRJ; professor de História da Arte e História dos Jardins na mesma instituição e atua no campo de História da Arte Oriental.

Resumo: O presente artigo discute os conceitos do pensamento e da arte indianos, tais como bhava, dharma, maya, samvega, etc., em sua ligação com o famoso conceito de aura de Walter Benjamin, noção que se impôs entre as mais amplamente respeitadas da teoria estética do pensador alemão. Inicialmente, focar-se-á o pressuposto teórico-metodológico baseado em Benjamin. Em seguida, descreveremos o tema principal.

Palavras-chave: estética ocidental – estética hindu – modernidade

BENJAMIN: THE AURA AND THE RASA

Abstract: This article addresses the concepts terms of own thinking and art Indian, such as bhava, dharma, maya, samvega, etc., in its links with Walter Benjamin's famous concept of aura, notion has emerged as one of his most recognizable and widely used ideas of theory aesthetics of German philosopher. In this course it will use Benjamin's concept of aura. At first, it goes over the theoretical framework. So that, it can describe the aims of the proposal.

Keywords: western aesthetics – eastern aesthetics – modernism

Walter Benjamin em um de seus textos mais lidos (mas nem por isso, mais compreendido), narra o processo da destruição da 'aura' da obra de arte pelo homem da cultura moderna ocidental.

Seguindo a trilha de nosso pensador, começaremos fazendo a seguinte pergunta: Mas, afinal de contas, o que é a aura?

É o próprio Benjamin quem nos responde:

A aura é uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja. Observar, em repouso, numa tarde de verão, uma cadeia de montanhas no horizonte, ou um galho que projeta sua



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

sombra sobre nós, significa respirar a aura dessas montanhas, desse galho.¹

A partir desta citação vemos que aquilo que está no cerne da disposição do homem moderno, em relação a determinado objeto, seja ele obra de arte ou um fragmento de paisagem é a necessidade urgente de uma *presença*, de um ‘ficar mais próximo’ das coisas ao mesmo tempo em que, na impossibilidade material de serem dadas à divisão, como o pão e os peixes da narrativa cristã, impõem-se a necessidade de serem reproduzidas ao extremo, para dar conta deste fenômeno; o de se ‘possuir o objeto, de tão perto quanto possível’, e que, portanto, acarretará a deterioração de seu valor de culto, de único, de sagrado.

Observamos, também, que este é um processo característico da cultura ocidental a partir das aglomerações das grandes cidades modernas em fins do século XIX, que leva a perda da língua comum, e sobre o qual Baudelaire construiu sua poética. Senão, ouçamos a voz do poeta:

*Não é dado a qualquer um tomar banho de multidão.
Desfrutar da massa é uma arte e só poderá fazer, às custas do
gênero humano, uma orgia de vitalidade, aquele a quem uma
fada terá insuflado no berço o gosto pelo disfarce e a
máscara, o ódio do domicílio e a paixão pela viagem.*

*Multidão, solidão: termos iguais e permutáveis, para o poeta
ativo e fecundo. Quem não sabe povoar sua solidão tampouco
sabe estar só em meio a uma massa azafamada.*

*Goza o poeta desse incomparável privilégio de poder ser, a
bel-prazer, ele próprio e outrem. Igual a essas almas errantes*

¹ BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica In *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo. Brasiliense. 1987.



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

em busca de um corpo, ele entra, quando quer, na personagem de qualquer um. Para ele apenas, tudo está vacante; e se alguns lugares lhe parecem estar fechados, é que a seus olhos não valem a pena ser visitados.

O andarilho solitário e pensativo tira uma embriaguez singular desta universal comunhão. Quem desposa facilmente a massa conhece gozos febris, dos quais serão eternamente privados o egoísta, traçado como um cofre, e o preguiçoso internado como um molusco. Ele adota como suas todas as profissões, todas as alegrias e todas as misérias que a circunstância lhe apresenta.

O que os homens denominam amor é bem pequeno, restrito e frágil, se comparado a esta inefável orgia, a esta santa prostituição da alma que se dá por inteiro, poesia e caridade, ao imprevisto que se mostra, ao desconhecido que passa.²

Portanto, sem dó nem pena, parece inevitável que o golpe de misericórdia seja dado ao homem diante da inevitabilidade fragmentada de sua existência moderna

A obra de arte, única, inserida em um contexto tradicionalmente ligado ao culto, sofre seu abalo inicial e definitivo, quando do advento da fotografia no final do século XIX, fato este que “levou a arte a pressentir a proximidade de uma crise, e que, como antídoto a este fenômeno, reagiu com a doutrina da arte pela arte, que é no fundo uma teologia da arte”.

E aqui chegamos ao ponto que nos interessa trazer à discussão.

² BAUDELAIRE, Charles. As Massas In *Pequenos Poemas em Prosa [O Spleen de Paris]*. São Paulo. Hedra. 2010.



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Sabemos que o conceito de arte pela arte, que está na base da autonomia de nossa expressividade artística ocidental, é inteiramente estranho à cultura tradicional no Oriente; e aqui, por uma questão metodológica, para os fundamentos da estética hindu.

O fato é que a arte na Índia tem seus fundamentos em uma estética essencialmente religiosa.

Tomemos como suporte para nossa afirmação o comentário de Jean Rivière a respeito desse assunto:

*As teorias da arte indiana aproximam-se das exposições filosóficas dos grandes teólogos medievais do ocidente: a estética da luz, com João Escoto Erigena e Ulrico de Estrasburgo; a estética metafísica de São Boa Ventura, de Santo Alberto Magno; os simbolistas platônicos, os alegoristas como Ricardo de São Vitor; os sistemas estéticos medievais como os de Tomas de Verceil, encontram-se todos na arte hindu.*³

Assim sendo, concluímos com este autor que a beleza procurada pela arte hindu é da ordem do metafísico.

Dando continuidade a esta reflexão, poderemos definir com muitíssima brevidade aquilo que está na base destas concepções antitéticas de arte, a ocidental e a oriental: enquanto a primeira teria sua primazia no sensível a segunda o teria na contemplação.

Para a escola filosófica do *vedanta* – uma das seis escolas tradicionais da filosofia hindu, responsável pelo aspecto metafísico do pensamento – o mundo fenomênico é considerado como um dos aspectos do Ser, como aparência (*maya*) e profundamente imanente tanto nas manifestações qualitativas tanto da Natureza quanto na dos homens,

³ RIVIÈRE, Jean. *A Arte Oriental*. Rio de Janeiro. Salvat. 1979.



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

fazendo com que o todo esteja impregnado de sua essência e desta forma ordenando o cosmos (*dharma*)

Entretanto, esta integração com o Absoluto não se realiza de forma conceitual, como o fariamos no Ocidente, e sim através de uma comunhão intuitiva e direta.

A obra de arte, neste contexto, representa justamente o meio de reintegração (*samskarana*) com o divino por meio das formas e das imagens que representam os seus poderes

Por esta razão a obra de arte hindu, para evitar a queda do sagrado em uma figuração de cunho naturalista, utiliza-se de toda uma simbologia que substitui a beleza sensual dos gregos por símbolos que evocam o sagrado.

Esta evocação do sagrado, segundo as palavras de Rivière, deve provocar uma impressão estética ao que os budistas chamam de *samvega*; “palavra que significa um estado de agitação, de medo, de terror mesmo, ou de paz; estado que ultrapassando o plano físico pode traduzir-se em uma experiência dilacerante”. E mais adiante conclui, dividindo esta experiência em duas fases: “a primeira, violenta, brusca, de surpresa, que pode comparar-se à chicotada que sobressalta o cavalo; e a segunda, uma experiência de paz transformante, de alegria contemplativa e realizadora”.

É a este estado catártico e transformador promovido pela contemplação do objeto artístico que os tratados de estética hindu, de poética sânscrita, denominam *rasa*, palavra que significa “essência, substância, gosto”; “é o sabor da obra de arte, o sentimento que desperta”.

Seguindo mais adiante, este fenômeno pode ser dividido em oito categorias ou elementos conhecidos como *bhavas*: o sentimento erótico, o cósmico, o patético, de furor, o heróico, de terror, de ódio e do maravilhoso; que são acompanhados de manifestações exteriores correspondentes como lágrimas, desfalecimentos, pasmo etc.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Portanto, toda e qualquer obra de arte hindu deve estar iluminada pelo *rasa*. Desta forma, concluímos com Rivière que: "não é o caráter objetivo da criação artística, mas a experiência humana, que provoca a atividade espiritual, *asvada*, que desperta e forma a experiência estética pura e desinteressada, uma espécie de êxtase intelectual ou, melhor, intuitivo, se o espectador possui a capacidade e a sensibilidade requeridas".

Tendo chegado a este ponto, depois desta mais que sucinta e superficial incursão na estética oriental, retornemos ao pensamento de Benjamin.

Parece-me muito claro o fato de que tanto o conceito de *aura* e o de *rasa* da estética oriental, *mutatis mutandis*, estão ambos orientados pelo mesmo fundamento, o de serem extrínsecos à obra de arte em si e residirem no fato de como nós as vemos.

Logo, resta-nos a constatação de que na obra de arte contemporânea ocidental, um primeiro distanciamento é dado pelo valor de mercado, não se levando em conta o fato de existir ou não uma aura ligada ao sagrado como na estética hindu; um segundo distanciamento é provocado pela falta de identificação da obra com um sistema de valores coletivo, já que ela se baseia fundamentalmente no valor do comportamento transgressivo, a partir do qual lhe será conferido seu valor como obra.

Cabe-nos aqui uma reflexão final. É bem verdade que a arte hindu a que nos referimos até o momento é a grande obra clássica ligada à tradição religiosa deste povo, e que muito provavelmente, dentro do sistema de mercado global instituído pelo capitalismo, os artistas contemporâneos da Índia terão os mesmos problemas que qualquer outro artista em qualquer parte do globo, porém, fica a questão, tanto lá quanto aqui: não seria este o momento de haver uma retomada ou uma maior atenção, a partir dos fundamentos da estética hindu, de valorização da comunidade dos homens como finalidade para a produção artística e não o mercado, e que esta retomada não poderia ser extensível e sincrônica ao nosso exaurido, fragmentado e banalizado mundo ocidental através do conceito de *aura*,



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

que, como vimos ao longo deste texto, mantém estreita afinidade com a sua (pelo menos para mim) contraparte oriental – o conceito de *rasa*?
Fica aqui a questão!

Recebido: 04/08/2010

Aceito: 13/08/2010



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br